



RESENHA

COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; DOURADO, Zilda; SILVA, Anderson Nowogrodzki da; AVELAR FILHO, João Nunes (Org.). *Linguística ecossistêmica: 10 anos de ecolinguística no Brasil*. Campinas: Pontes, 2017, 235p., ISBN 9788571138759.

Alexandre António Timbane (UNILAB, São Francisco do Conde-BA)

É um privilégio para mim resenhar esta obra pelo fato de ter participado do evento da comemoração que marcou os dez anos da Ecolinguística no Brasil, realizado na Universidade Estadual de Goiás (Anápolis), no dia 31 março 2017. Esta obra constitui o registro dos debates desenvolvidos na comemoração do aniversário da jovem chamada **Ecolinguística no Brasil**. É uma jovem que já anda com seus próprios pés, já aponta o que deseja, tem desejos, perspectivas e em algum momento se mostra firme e atenta ao seu próprio crescimento. Esta obra escancara tudo isso.

Para marcar os 10 anos de Ecolinguística no Brasil, os autores Couto, Dourado, Silva e Avelar Filho (2017) nos brindam reunindo treze trabalhos de pesquisadores que dão foco e sistematizam o percurso dos estudos ecolinguísticos ao longo deste tempo. A capa do livro chama atenção pela imagem de folhas verdes, carimbadas com logotipo do “Encontro Brasileiro de Ecolinguística” e honradas pela sinopse redigida por Pere Comellas Casanova, ecologista e pesquisador da Universidade de Barcelona, Catalunha, que assina a quarta capa. A obra inicia com o prefácio breve e importantíssimo de autoria de Alwin F. Fill, que revela os primeiros passos da Ecolinguística, assim como os seus percursos na Europa e nos Estados Unidos. Depois do giro pelos principais marcos da Ecolinguística no mundo, o texto de Fill termina apresentando os estudos no Brasil, dando especial atenção para os trabalhos pioneiros do professor Hildo do Honório Couto. Os organizadores da obra descrevem os treze capítulos numa apresentação breve de quatro páginas. Fica clara nessa apresentação a ideia de que a Ecolinguística possui raízes profundas no mundo e em especial no Brasil e caminha para a sua afirmação através do número crescente de pesquisas e de pesquisadores.

A abertura do livro inicia com o texto “A Ecolinguística e a virada ecológica nas humanidades e nas Ciências Sociais”, da autoria de Arran Stibbe que de forma direta dá um panorama sobre como a Ecologia (eco-) pode-se conectar perfeitamente com as diversas áreas do saber e fazer uma diferença apreciável nos estudos científicos. O texto mostra como o entrosamento das diversas áreas pode trazer maior aprofundamento nos assuntos pesquisados. Stibbe visualiza o horizonte da Ecolinguística garantindo que ela terá em breve “seu lugar ao sol entre disciplinas” das diversas áreas.

O segundo texto de Hildo Honório do Couto, cujo título é “Linguística Ecossistêmica: um novo modo de estudar os fenômenos da linguagem” se apoia nas ideias apresentadas por Stibbe e tenta sanar dúvidas que sempre pairam sobre o de conceito de “Ecolinguística”, sem deixar de trazer a definição, a mudança de perspectiva, questões sobre língua/ meio ambiente e seus componentes sob a perspectiva ecolinguística, assim

como a metodologia e os caminhos que a Ecolinguística pode trilhar para demonstrar tais evidências científicas.

O texto de Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto “Dez anos de Ecolinguística no Brasil: inovações e reinterpretações” retoma os debates anteriores relatando os primeiros passos da Ecolinguística no Brasil e mostrando como as reinterpretações trouxeram um novo olhar sobre a Ecolinguística no país assim como a importância da divulgação das pesquisas no espaço acadêmico. A autora levanta conceitos da Linguística Ecológica assim como da Análise do Discurso Ecológico. O texto procura ser mais sintético possível, mas sem perder de vista os debates sobre os caminhos trilhados pela Ecolinguística no Brasil.

O texto de Gilberto Paulino de Araújo “10 anos de Ecolinguística no Brasil: percurso de sua afirmação como área dos estudos linguísticos em nosso país” amarra as provocações feitas pelos textos anteriores trazendo uma radiografia dos estudos desde os primeiros trabalhos divulgados no mundo de 1972 a 2016. O autor apresenta resumidamente os principais eventos científicos, assim como os marcos e as conquistas alcançadas durante esse tempo. No texto, o/a leitor/a observará como as conquistas vêm sendo alcançadas com responsabilidade, luta e garra através de pesquisas feitas por pesquisadores e alunos da graduação e pós-graduação.

Olhando sob a perspectiva das relações políticas que se desenvolvem no meio ambiente social, Anderson Nowogrodzki da Silva faz reflexões sobre como a Ecolinguística percebe a constituição e organização do Estado e se propõe a agir sobre ele. É uma perspectiva inovadora e vale a pena ler e reler este capítulo. O/a leitor/a ficará esclarecido/a sobre a visão ecológica de mundo, sobre a Ecologia Profunda e suas relações com o sistema capitalista.

Outro aspecto inédito é a noção de ‘comunidade de fala’ discutida sob a perspectiva ecolinguística por Genis Frederico Schmaltz Neto em seu texto “Sobre o conceito de comunidade de fala: teorias desdobramentos e reflexões”. O autor debate e articula ideias de Bloomfield, Hudson, Lyons, Gumperz e outros pesquisadores para demonstrar como a ecologia de interação comunicativa participa nas relações interpessoais que culminam nos conceitos de comunidade de língua, comunidade de fala, comunidade de fala mínima e comunidade de fala nômade provenientes de *clusters*. Vale apenas ler este texto para compreender como a comunidade de fala, nesta perspectiva, traz outros olhares e percepções.

O texto da Zilda Dourado dialoga com os debates iniciados no texto de Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto ao trazer o conceito de Análise do Discurso Ecológico para analisar as características da interação comunicativa que seguem uma ideologia da vida e do espaço social em que a sociedade está inserida. O/a leitor/a perceberá que a Análise do Discurso Ecológico procura compreender a dinâmica da realidade biopsicossocial entre membros de uma comunidade de fala partindo da análise da língua oral ou escrita. Dourado discute a importância dos paradigmas de Charles Darwin e Albert Einstein. Outros autores trouxeram conceitos como ecossistema, homeostase e entropia. A autora critica a monopolização da epistemologia europeia e a supervalorização do eurocentrismo, assim como o silenciamento dos conhecimentos advindos da África, América do Sul e da Ásia. O texto termina sem esgotar os debates, mas, sim, abrindo perspectivas para que os conceitos e as análises sejam feitas em outras áreas das ciências e em outras perspectivas.

Em seguida, Maria Célia Dias de Castro contribui com o texto “A Ecolinguística e os estudos topônimos” que revisita a criação bíblica dos nomes para depois mostrar como a toponímia está intimamente ligada ao ambiente, à natureza em que a comunidade de fala

está inserida. Levanta debates que ligam a língua e o meio ambiente trazendo exemplos concretos extraídos do Atlas toponímico do Estado de Maranhão, bem como no mapa dos fitotopônimos. O/a leitor/a perceberá que o texto flui de forma simples demonstrando exemplos que ligam a língua e o meio ambiente em que a comunidade está inserida.

O texto “Toponímia de origem tupi: relação entre os nomes de lugares goianos e o ambiente” é da autoria de Kênia Mara de Freitas Siqueira. A autora levanta a importância das línguas da família tupi na formação de topônimos no Estado de Goiás. O texto revisita os conceitos de ecotopônimos e etnônimos, explica a formação dos nomes dando exemplos extraídos dos corpora da pesquisa. Siqueira analisa linguisticamente (morfologia) a formação desses nomes e explica os significados que as palavras carregam no espaço goiano. A autora chega à conclusão de que vários dos topônimos goianos são motivados pelas línguas tupis e tentam, entre outras coisas, resgatar a memória dos primeiros habitantes das Américas como marcadores da identidade nacional, para a qual se buscava fortalecimento, embora os nomes tupis neste estado tenham sido grandemente dado pelos bandeirantes, não por existirem povos tupis na região.

Davi Borges de Albuquerque disserta sobre “A Ecolinguística e a dinâmica das línguas em Timor-Leste” trazendo debates sobre as línguas daquele país e sua relação com o meio ambiente. Mostra como a Linguística Ecolinguística explica a dinâmica das línguas (línguas em contato, bi- e multilinguismo) e a formação de uma identidade linguística no espaço asiático. Albuquerque aborda ainda a relevância dos três conceitos básicos: mental, social e natural. O/a leitor/a compreenderá que o autor apresenta um conjunto de linhas que podem se ligar aos estudos da Linguística Ecolinguística assim como a necessidade da interdisciplinaridade. O autor conclui sugerindo a necessidade de refinar os aspectos teórico-metodológicos para uma pesquisa mais proveitosa.

O texto “Saberes e expressões culturais no cerrado goiano vistos pela Ecolinguística” de João Nunes Avelar Filho revela um elemento ainda não discutido nos textos anteriores.

É a questão da reconstituição temporal do passado *versus* presente e as suas relações intrínsecas do homem com o meio ambiente. A consciência sócio-histórica nos conduz a uma análise mais profunda que compartilha na diversidade natural, linguística e cultural. O estudo feito na cidade de Formosa (GO) revelou como o passado expresso na cultura, nos costumes, na religiosidade e nas linguagens verbais e não verbais demarca o conhecimento ecolinguístico. As manifestações populares como as lendas, os costumes, os hábitos de um povo se refletem na língua e no que o autor chama de ‘composição híbrida’, resultado da história do negro, do índio e do branco. O preconceito com relação às variedades culturais deve ser combatido, segundo o autor, por forma a que a sociedade se liberte da visão globalizante.

Por fim, o texto de Heloanny de Freitas Brandão, “Os princípios do direito ambiental brasileiro: uma perspectiva da Análise do Discurso Ecológica”, analisa as teorias ecolinguísticas sob o ponto de vista do Direito Ambiental. Brandão discute o Direito Ambiental Brasileiro e cria uma ponte importante com a análise discursivo-ecológica. Apresenta os princípios de desenvolvimento sustentável e a terminologia utilizada na área. A autora liga aspectos jurídicos ambientais e sua relação com a valorização do ambiente social em que a sociedade está envolvida. A visão ecológica do mundo se liga à ideologia da vida, aos valores ambientais e ao ecossistema linguístico.

Todos os debates e contribuições apresentadas nesta obra buscaram uma bibliografia adequada ao tema e trouxeram ao conhecimento uma importante contribuição para o crescimento dos estudos ecolinguísticos no Brasil. Esta obra é recomendável para os alunos da graduação e pós-graduação assim como pode ser útil para as diversas áreas das

ECO-REBEL

Humanidades: Educação, Direito, Linguística, Sociologia, Toponímia, Letras, Antropologia entre outras.

Enviado: 05/12/2017.

Revisto: 10/01/2018.

Aceito: 15/01/2018.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 4, n. 1, 2018.